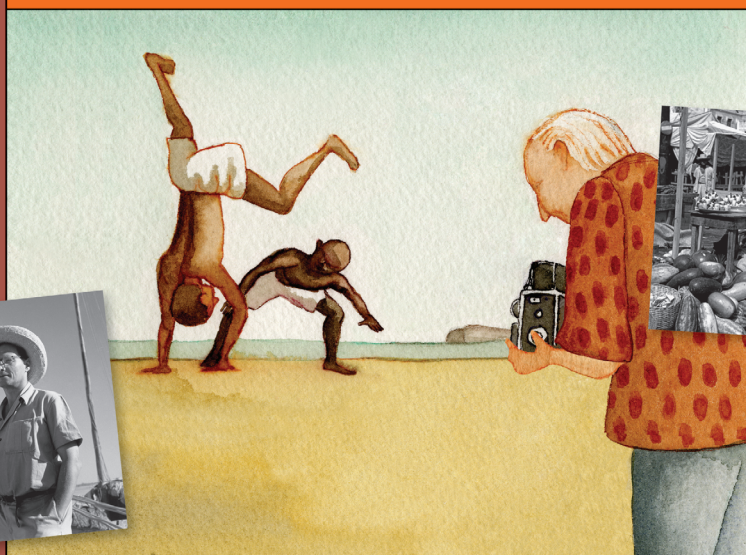


GUIA DO PROFESSOR

★ COLEÇÃO MEMÓRIA E HISTÓRIA ★



FOTOGRAFANDO VERGER



Angela Lühning

ILUSTRAÇÕES DE MARIA EUGÊNIA

Fundação Cultural e Espaço Cultural Pierre Verger:

DIVULGAÇÃO E PRESERVAÇÃO DAS CULTURAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS

Pierre Fatumbi Verger (1902, Paris – 1996, Salvador) registrou quase o mundo inteiro através de suas lentes — passou pela China, Japão, Filipinas, Espanha, Itália, Brasil, o deserto do Saara, países da África, das Américas e muitos outros —, às vezes por conta própria, como fotógrafo independente, às vezes como representante de um grande jornal. Desde o início de sua trajetória como fotógrafo viajante, na década de 1930, é possível notar uma predileção pelo registro do cotidiano, em fotos que valorizam o espontâneo e o natural, tanto de cenas da população, como da arquitetura e da paisagem local. Como resultado de tantas viagens e estudos dedicados a culturas diversas, Verger deixou um rico material composto de artigos, livros, negativos fotográficos, gravações sonoras, filmes, além de documentos, correspondências, manuscritos e objetos. Para preservar e divulgar seu acervo, o próprio Verger criou, em 1988, a Fundação Cultural Pierre Verger (www.pierreverger.org), em Salvador.

Com sede na casa vermelha, onde Fatumbi morou desde 1960 até a sua morte em 1996, a Fundação Cultural Pierre Verger foi crescendo, incorporando novas ideias e, a partir de 2002, passou a receber em seu espaço as crianças do bairro, que não contavam com nenhuma biblioteca por perto, ou qualquer outra opção de lazer, e ficavam cada vez mais curiosas para saber o que se passava naquela residência. Assim nasceu o Espaço Cultural Pierre Verger, que fica atrás da casa de Verger, ao lado de uma enorme cajazeira.



Verger, com quase noventa anos, na casa vermelha.

O Espaço recebe entre duzentas e 250 crianças por semestre, com idade a partir de seis anos, e oferece atividades gratuitas com ênfase em cultura afro-brasileira, entre elas: esporte, artes, percussão, dança, violão, coral, corte-costura, fotografia, xadrez, educação, cultura digital e produção de texto. Na oficina de produção de texto, as crianças observam as fotos de Fatumbi pelo mundo e imaginam como foi a vida dele, e depois são estimuladas a contar sua própria história a partir da mensagem deixada por Verger — a de se valorizar a simplicidade e respeitar as pessoas, independentemente de suas crenças e culturas.

Oficina de produção de texto

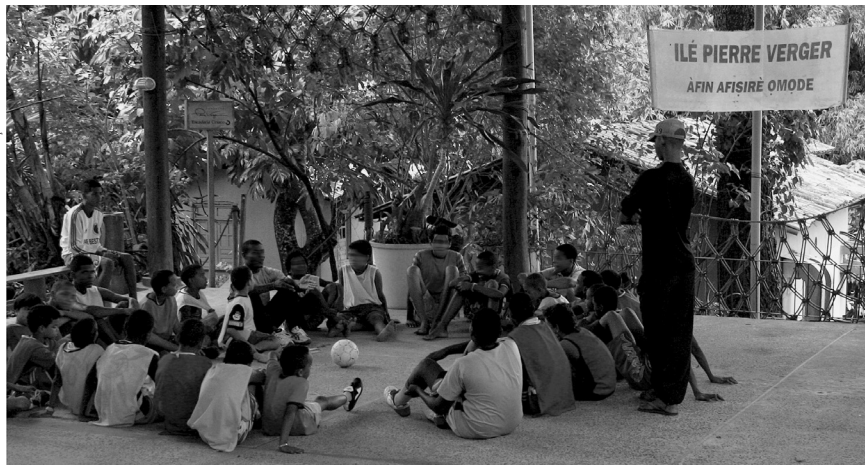
O livro *Fotografando Verger*, de Angela Lühning, foi criado a partir da experiência da oficina de produção de texto sediada no Espaço Cultural Pierre Verger. A oficina foi ministrada pela professora Carla Dantas com adolescentes e jovens de 13 a 22 anos de idade, na maioria matriculados em escolas públicas. Inspirados nos textos do escritor Moacyr Scliar — crônicas elaboradas a partir das observações do cotidiano e publicadas no jornal *Folha de S.Paulo* semanalmente —, os participantes foram convidados a escrever sobre Verger tendo como inspiração as inúmeras fotografias do acervo da Fundação. Instigados a desenvolver uma linguagem clara, informativa e criativa, as crianças foram apresentadas a diferen-

© FUNDAÇÃO PIERRE VERGER



© FUNDAÇÃO PIERRE VERGER

Meninos e meninas
do Espaço Cultural
Pierre Verger.



Meninos do
Espaço Cultural
Verger em oficina
de esporte.

tes gêneros literários: haicais, acrósticos e crônicas, que foram lidos, discutidos e analisados por serem fundamentais para o processo de produção escrita.

A maioria dos alunos, pouco afeita ao processo que envolve a escrita, deparou pela primeira vez com a necessidade de inúmeras releituras, discussões coletivas, além das revisões necessárias para se chegar ao texto final. Da riqueza do material produzido pelos adolescentes veio a ideia de contar a elas a história desse estrangeiro que se apaixonou pelo Brasil, e que, com suas imagens e textos, nos fez ver o nosso país de uma maneira original e reveladora. É o que encontramos em *Fotografando Verger*, um livro que apresenta a vida e a obra desse grande fotógrafo francês, que conta ainda com cerca de trinta retratos de sua autoria.

O exercício proposto na oficina pode ser realizado em sala de aula com alunos do ensino fundamental. Em seguida, apresentamos alguns dos textos produzidos pelos frequentadores do Espaço Cultural Pierre Verger, divididos por gênero, para que o professor tenha uma ideia do resultado que a atividade pode trazer.

HAICAI

Poema de origem japonesa com versos de cinco, sete e cinco sílabas poéticas, que busca estabelecer vínculos concisos entre a natureza e o espírito humano.

Na triste vitrine,
o gato faz pose pra lente
esquecendo-se até de si.

Leonardo de Souza Nascimento, 22 anos

Em cima do cavalo
O homem trabalha sem parar
e vê o dia acabar.

Tássio de Anunciação Teixeira, 13 anos

Chegou o momento.
Eles levantam as velas e vão
pescar em alto-mar.

Jéssica Santos Silva, 15 anos

Quando termina
O dia, a rua transborda
Com a alegria da festa.

Lilian Araújo, 16 anos

Carro de madeira
Usado no trabalho.
Um homem cansado.

Alexandre Silva Santos, 15 anos

ACRÓSTICOS

Poemas em que as primeiras letras (ou também as do meio ou do fim) de cada verso formam, em sentido vertical, um ou mais nomes, conceitos, máximas etc.

Fantástico dono do destino.
Aquele que tudo sabe
Tudo faz e adivinha.
Um deus iorubá
Movido pelo destino, Verger
Buscou conhecimentos na África e foi renascido pelo
Ifá.

Gilmário Batista Reis Junior, 16 anos

Da Cor de xangô e com muitas
Árvores, a casa vermelha foi
Sua moradia no
Alto do Corrupio, na ladeira da

Vila América desde 1946.
Era um recanto de livros, pensamentos e de receber amigos.
Retratos e negativos guardados na
Moradia de Verger são até hoje preservados.
Entre subidas e descidas, os caminhos
Levavam à casa vermelha, onde
Hoje se localiza
A Fundação e o Espaço Cultural Pierre Verger.

Jéssica Santos Silva, 15 anos e Joel Costa Santos, 14 anos

Relembrando Pierre Verger
Ele foi uma pessoa especial
Transformou sua vida em histórias.
Retratou uma Bahia antiga.
Antropólogo, etnobotânico e fotógrafo
Também autor de vários livros e inúmeros artigos
O seu trabalho foi muito especial
Seu talento era fotografar imagens.

Da Bahia antiga aos demais continentes
A sua obra abraçou o mundo.

Bicicleta, navio, trem e avião. Assim Verger conheceu lugares diferentes
Alegre e feliz como ele foi, visitava todos os terreiros da Bahia
Histórias não faltavam em sua vida
Iria contar mais se estivesse vivo.
Antes, durante e depois... Tudo Verger.

Rafaela Kelly Santos Costa, 13 anos

FATO E FICÇÃO (TEXTOS NARRATIVOS)

Verger no cais do porto

Em uma manhã de segunda-feira, Verger estava em sua casa, na cidade baixa, quando resolveu aproveitar a luz da manhã para fotografar os estivadores no cais. Chegando ao porto, parou para observar a movimentação dos trabalhadores, preparou a sua Rolleiflex e registrou algumas imagens. Entre uma foto e outra, um homem lhe chamou a atenção pela sua elegância sutil. Era Viriato, um baiano de trinta anos, morador da Lapinha, capoeirista das rodas de mestre Pastinha e pai de quatro filhos. Verger ajeitou a câmera mais uma vez e tentou fotografá-lo na rapidez com que carregava os sacos de farinha.

Ao perceber o olhar atento de Verger e a câmera, Viriato ficou inquieto, porém continuou a sua tarefa.

Vendo o acanhamento do homem, Verger aproximou-se ainda mais e cumprimentou Viriato:

— Bom dia!

— Bom dia, seu moço, posso lhe ajudar?

E Verger rapidamente lhe respondeu:

— Sim, mas não quero atrapalhar. Chamo-me Pierre Verger. Sou fotógrafo e estou fazendo imagens dos trabalhadores do porto para minha exposição “Retratos da Bahia”. Permitiria que tirasse algumas fotos suas?

Meio desconfiado, Viriato olhou atentamente para Verger e disse:

— Está certo, seu moço, mas não posso parar.

Sorrindo, Verger expressou a sua satisfação e exclamou:

— Pode continuar seu trabalho, quero mesmo registrar a lida de vocês. Tenho interesse pela beleza e simplicidade do povo daqui.

O estivador seguiu para descarregar outros sacos de farinha e Verger continuou também o seu trabalho.

Depois de algumas horas, Verger terminou de fotografar, se despediu dos estivadores acenando para eles, seguiu caminhando e tomou um bonde para a cidade baixa, onde morava.

No final do dia, chegando em casa, Viriato comentou com sua mulher o que havia acontecido no cais, e disse-lhe também que, embora tivesse achado curioso o interesse do estrangeiro pela lida dos trabalhadores do porto, não lhe fez mais perguntas. Deixou que o homem, de nome Verger, seguisse o seu trabalho.

Algumas semanas se passaram e a exposição de Verger estreou no Pelourinho junto a outros fotógrafos da cidade. O olhar atento das pessoas que passavam e viam as imagens reconhecia os parentes, vizinhos e amigos.

Numa daquelas tardes, o estivador que ele havia conhecido no cais passeava com a mulher e os filhos nas ruas do Pelourinho quando avistou uma multidão apreciando algumas fotos. Aproximando-se, Viriato quis saber do que se tratava. Chamou os meninos e a mulher para ver mais de perto e, entre uma imagem e outra, viu que ele estava presente em muitas das fotos tiradas pelo fotógrafo Pierre Verger.

Viriato mostrou as fotos para a família e os meninos ficaram surpresos ao reconhecer o pai.

O estivador passou pela exposição mostrando aos filhos e à mulher cada cena fotografada por Verger e, ao passar pela foto em que carregava dois sacos de farinha, um dos seus filhos disse:

— Olha, pai, como você é forte!

Viriato carregou o filho no colo, sorriu orgulhoso e saiu com a família a caminho de casa pelas ladeiras do Pelourinho.

Alexandra Andrade Silva, 14 anos

A nova morada

Numa tarde de domingo de 1960 Verger saiu às ruas de Salvador para conhecer mais a cidade. Subiu o Taboão, passou pelo Belvedere da Sé, onde encontrou alguns amigos, e seguiu pela ladeira da Praça. Pegou o bonde e, ao passar pela Vasco da Gama, uma ladeira lhe chamou a atenção. As casas simples, as árvores, o chão de calçada e as lavadeiras que desciam e subiam com trouxas de roupas encantaram Verger. Era a ladeira da Vila América. Um canto da cidade rodeado de terreiros de candomblé e muitas histórias.

Seduzido, Pierre Verger passou a visitar a Ladeira da Vila América com mais frequência. Resolveu fotografar e conversar com as pessoas do lugar. Encontrou o senhor Elias, um morador antigo de quem se tornou amigo, que o levou para conhecer os quatro cantos do Engenho Velho de Brotas.

Em uma dessas idas à ladeira passou pela rua do Corrupio, onde havia uma casa fechada, pequena, antiga, com uma pintura vermelha desgastada, plantas e árvores e uma vizinhança muito simpática. Foi paixão à primeira vista. Ele parecia ter chegado à sua morada, pois expressava um olhar de reconhecimento e contentamento. Verger se aproximou e perguntou às lavadeiras que passavam se aquela casa estava à venda, e para a sua felicidade elas responderam que sim. Algumas semanas depois, Verger comprou a casa e escreveu cartas aos seus amigos dizendo que já tinha um endereço fixo. Havia encontrado o seu lugar na Bahia. Nas cartas dizia que ali renascia outra vez e que estaria mais próximo de tudo de que precisava. Teria as folhas, os terreiros, as pessoas simples e a sua Rolleiflex. Daquela dia em diante seria encontrado na rua do Corrupio, número 6, ladeira da Vila América.

Jéssica Santos Silva, 15 anos

Verger e o mar

Antes de chegar a Salvador, Verger conheceu diversos mares, mas se encantou com o da Bahia. A praia do Rio Vermelho e o Porto da Barra eram a imensidão de água salgada mais bonita que ele tinha visto. O movimento das ondas e vento que soprava lhe traziam uma sensação de alegria e tranquilidade. O mar parecia-lhe uma linha que unia vários mundos.

Nas areias da praia da Barra e com a água aos pés, ele dividia a contemplação com sua companheira de trabalho, a Rolleiflex. Maravilhado, Verger foi até as pedras, guardou suas roupas, a câmera e mergulhou no mar do Porto da Barra. Após algum tempo despediu-se com mais um mergulho e seguiu para a sua casa na cidade baixa.

Desbravador muito curioso, Pierre Verger retornara a Salvador após três anos na África. Era início do ano e a festa de Iemanjá estava se aproximando. Ansioso para conhecer a comemoração em homenagem à rainha das águas salgadas, da qual já tinha ouvido falar inúmeras vezes, ele procurou

alguns amigos. Todos lhe falavam dos rituais, das crenças, da fé do povo, do cheiro da água de flor e da valorização das tradições. Explicavam que Iemanjá era uma divindade, considerada rainha das águas salgadas, e que muitas pessoas tinham fé e acreditavam no poder do orixá em realizar pedidos e curas. Disseram-lhe também que a rainha das águas ganhava dos seus devotos presentes como sabonetes, espelhos, joias, flores e perfumes em agradecimento aos desejos alcançados.

Tudo isso aumentava ainda mais seu desejo de conhecer, participar e fotografar os festejos à Iemanjá. Avisado por um amigo e filho de santo do terreiro do Axé, Verger soube que o dia da festa seria no domingo próximo.

Para Verger, fotografar a festa seria um dos maiores acontecimentos da sua vida.

No dia seguinte, ao caminhar pelo Rio Vermelho, se aproximou da igreja e reparou que os pescadores conversavam sobre a festa. Verger não resistiu em fotografá-los e aproximou-se um pouco mais, cumprimentou os homens e falou do seu interesse pelo dia 2 de fevereiro. Logo ouviu mais informações sobre a arrumação dos presentes nos cestos e sobre a entrega em alto-mar para Iemanjá.

No dia da festa, ele vestiu-se de branco, comprou uma rosa e seguiu para o Rio Vermelho. Verger presenciou todas as formas de reverência à Iemanjá e, junto à Rolleiflex, guardou as imagens que retratavam a fé do povo de Salvador.

Ao despedir-se da festa, Verger desceu à praia e, ao demonstrar seu respeito ao mar e à natureza, molhou os pés na água, ofereceu o seu presente e saudou Iemanjá. Odô ya.

Leonardo de Souza Nascimento, 22 anos e Alexandre Silva Santos, 15 anos

Cartas de felicidade

Antônio era um escritor africano, já de meia-idade, que veio até o Brasil visitar Pierre Verger, um amigo muito querido e que havia um bom tempo ele não via. Logo que chegou no país, Antônio foi procurar um lugar para tomar aulas de português. Foi quando Pierre falou para ele de Dona Ana, que dava aulas em uma escola aqui na Vila América. Dona Ana foi sua professora de português durante o tempo em que ele passou aqui. Ela ensinou muitas coisas sobre o Brasil para Antônio e le-

vou ele para conhecer vários lugares bonitos de Salvador. Eles conversaram bastante e ficaram muito amigos. Mas chegou o dia de ir embora, porque Antônio tinha uma família e também um trabalho na África.

Antônio convidou Dona Ana para visitá-lo em sua casa. Muitos anos se passaram e Dona Ana e seu Antônio trocaram muitas cartas. Nelas seu Antônio falava da África e Dona Ana contava as novidades do Brasil.

Um dia Pierre Verger foi convidado para fazer umas fotografias por lá e, sabendo da amizade e das saudades que um tinha do outro, convidou Dona Ana para ir com ele.

Tinha chegado o dia da viagem, Dona Ana e Pierre entraram no avião e chegando no aeroporto encontraram Antônio muito contente em vê-los. Todos foram para sua casa e lá Antônio apresentou sua família a Pierre e a Dona Ana. Depois eles foram passear em muitos lugares bonitos, experimentaram comidas típicas e no último dia a família de Antônio fez uma grande festa de despedida para os dois. Todos se divertiram muito, cantaram, dançaram, deram muitas risadas e comeram à vontade. No dia de partida, Dona Ana deu um colar de sementes brasileiras a Antônio como lembrança, e Pierre prometeu revelar e enviar as fotos que tinha tirado da África para ele como presente.

Berenice de Jesus Magalhães, 16 anos

Coleção Memória e História

Nos livros da Coleção Memória e História, brasileiros ou estrangeiros que vieram de muitos lugares dão voz às suas memórias, narrando casos de infância que falam também de acontecimentos históricos importantes. Ilustrados com desenhos da artista Maria Eugênia e também com muitas fotos de época, os livros são adotados para alunos do final do ensino fundamental I e início do ensino fundamental II, crianças entre oito e doze anos. São excelentes para o trabalho interdisciplinar, pois conciliam as disciplinas de português, história e geografia.

